UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS

CURSO DE FILOSOFIA

Rodrigo Vieira Corrêa

O TEMPO EM SANTO AGOSTINHO

SOROCABA-SP

2023

RESUMO

O estudo aborda o Tempo em Santo Agostinho considerando ser um assunto de suma importância a fim de elucidar as concepções do tempo, se ele realmente existe, quando e como ele se passa e, se o homem consegue medi-lo. Para isso, será analisado o livro XI, Confissões de Santo Agostinho, pois é necessário refletir os ensinamentos deixados por ele e de pensar no tempo do homem como um regulador de sua existência. Para isso, o objetivo geral é analisar as concepções do tempo introduzidas por Santo Agostinho, tendo como objetivos específicos: discorrer sobre as principais características do tempo e refletir sobre as relações entre tempo, alma e eternidade. Como resultados, foi possível compreender que, o tempo é mutável, é uma realidade que foi criada desde o princípio, ele existe porque as coisas mudam, porém ele existe na consciência das pessoas e estão sujeitos à existência dos três momentos, passado, presente e futuro. O tempo passado é tudo aquilo que está presente na memória e que faz presente quando a pessoa está dando atenção aquele fato ou coisa, do mesmo modo que o tempo futuro é tudo aquilo que envolve uma expectativa para que aconteça, também se tornando presente no momento em que está se pensando ou sentindo. O tempo presente é o agora, mas mesmo ele não pode ser tão presente devido aos movimentos. Por fim, o tempo é precioso e não é eterno, então é preciso que as pessoas repensem em como estão vivendo hoje o tempo mutável e o tempo de Deus, pois tudo passa, até mesmo o tempo.

Palavras-chave: Percepção do Tempo; Santo Agostinho; Filosofia.

1 INTRODUÇÃO

O estudo analisa o tempo em Santo Agostinho, considerando ser um assunto de suma importância a fim de elucidar as concepções do tempo, se ele realmente existe, quando e como ele se passa e, se o homem consegue medi-lo. São questionamentos que Santo Agostinho esclarece em seu livro XI, Confissões, e que até hoje recebem interpretações.

Destaca-se que, Aurélio Agostinho de Hipona, mais conhecido como Santo Agostinho, foi Bispo em Hipona na província romana da África, viveu uma vida de inquietações, pensamentos que não encontravam em sua subjetividade respostas que lhe pudessem satisfazer tais necessidades, o levando à uma busca de estudos e ensinamentos que acabaram tornando-o muito relevante no campo da filosofia.

Diante disso, ao logo da história Santo Agostinho lançou um período de ceticismo sobre suas crenças, em busca de informações e fatos que o fizesse compreender o mundo, o tempo, o ser humano, bem como para compreende-se a si mesmo mais integralmente. Foram 113 obras, além de cartas e sermões, ensinamentos estes que atravessaram todos os tempos e até hoje servem de influência no âmbito religioso e acadêmico. Dentre elas, cita-se a obra Confissões, no qual explana seus muitos pensamentos, inclusive sobre a finitude do tempo e sua relação com o ser humano, o movimento, alma e eternidade.

Denota-se que, o pensamento de Santo Agostinho tem como base suas experiências de vida, através da sua conversão ele pode notar novas perspectivas sobre as respostas que sempre buscou, corrigindo pontos cruciais para conclusão de algumas verdades. A fé em Deus foi o ponto crucial para suas fundamentações, para ele as escrituras sagradas são o caminho para se alcançar a verdade eterna, no qual todas as criaturas humanas devem segui-las.

Diante desse contexto, é necessário refletir os ensinamentos deixados por Santo Agostinho e de pensar no tempo do homem como um regulador de sua existência. Ora, em uma óptica mais próxima da realidade do mundo, é muito notório que as pessoas vivem em razão do tempo, tentam ir contra ele, ou sequer têm uma definição própria do que seja. Logo, o estudo é norteado pela seguinte problemática: Como os ensinamentos de Santo Agostinho podem influenciar as pessoas nos dias de hoje, a fim de priorizar e valorizar o tempo da sua existência?

Partindo desse pressuposto, o objetivo geral é analisar as concepções do tempo introduzidas por Santo Agostinho, tendo como objetivos específicos:

- Discorrer sobre as principais características do tempo da obra Confissões, Livro XI;
- Refletir sobre as relações entre tempo, alma e eternidade.

Para esclarecer a temática será abordado nas seções seguintes os ensinamentos de Santo Agostinho em sua obra Confissões, Livro XI, categorizados a seguir: O tempo: Deus Criador; A natureza do tempo; O tempo e o movimento; A medição do tempo e a vontade humana; O tempo presente, passado e futuro; A presença da Eternidade no Tempo. Em seguida as considerações finais apresentando as contribuições decorrentes do estudo.

2 O TEMPO: DEUS CRIADOR

A concepção de tempo segundo Santo Agostinho, é uma das maiores discussões do seu pensamento filosófico-teológico. A proposta da sua análise foi inicialmente norteada pelas seguintes indagações:

> “[...] o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?” Se em Deus apareceu um movimento novo, uma vontade nova de dar o ser ao que ainda não tinha criado, como falar de uma verdadeira eternidade se nela nasce uma vontade que não existia antes? Mas a vontade de Deus não é uma criatura, ela é anterior a toda criatura; nenhuma criação seria possível se a vontade do Criador não a precedesse “[...] que é, pois, o tempo? (AGOSTINHO, 2002, p. 316).

Segundo ele o início do tempo é quando o mundo começa a existir, é a medida do movimento, logo não pode existir tempo antes da existência das coisas mutáveis, porém, a existência de Deus independe do tempo, uma vez que a eternidade é maior que o próprio tempo.

Portanto, existe um contraste sobre a eternidade divina e da temporalidade, no qual o tempo não pode ser um subconjunto da eternidade. Nas indagações de Santo Agostinho, o homem está preso à temporalidade, mas que ele é articulado linguisticamente, mas que na eternidade não se faz necessária essa articulação (AGOSTINHO, 1995).

Assim sendo, entende-que Deus é o ser que dá criação a todas as coisas, assim, o princípio de tudo é a criação, para Santo Agostinho todas as criaturas foram criadas em só momento, algumas em formas perfeitas, outras incompletas, porém dotadas de virtudes evolutivas. Santo Agostinho acreditava que o mundo pode ter duas origens, sendo, ou Deus criou tudo do nada, ou tudo surgiu pela sua própria subsistência (AGOSTINHO, 2002). Entretanto, na segunda hipótese pode-se admitir que uma parte da subsistência divina é finita, mutável e que pode sofrer alterações diversas, então não pode ser aceita, pois Deus é eterno e perfeito e, mudar-se seria transformar-se em algo melhor ou pior. Já quando Deus cria do nada, refere-se à criação das coisas preexistente, onde pelo ato de vontade Deus quis que as coisas fossem da forma que as criou.

Diante disso, a criação é o início de tudo, no entanto mesmo sendo criado por Deus Eterno, nem todas as coisas duram, nem o tempo é eterno: “[...] Logo, se na subsistência de Deus nasce algo que antes não existia, não se pode mais com

verdade chamá-la de eterna” (AGOSTINHO, 1984, p. 119). Portanto, para Santo Agostinho não existe um tempo antes da criação das coisas ou antes do momento que Deus tenha criado o mundo. Para ele embora o tempo seja uma criação dívida, a temporalidade é própria do homem, pois não possui atributos de eternidade.

3 A NATUREZA DO TEMPO

Santo Agostinho continuou sua reflexão sobre o pensamento de que, no mesmo momento, sabe e não sabe o que é tempo, uma vez que se alguém falar de tempo de modo informal, em sua forma corriqueira, é sabido ao que se refere, porém se tentar definir o que é tempo, as indagações começam. Porém, como o termo “tempo” é muito comum nas conversações, subentende que as pessoas o compreendam quando dele os falam. Assim, Santo Agostinho elucida:

> Que é, pois, o tempo? Quem poderia explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, com bastante clareza para exprimir a ideia com palavras? E, no entanto, haverá noção mais familiar e mais conhecida usada em nossas conversações? Quando falamos dele, certamente compreendemos o que dizemos; o mesmo acontece quando ouvimos alguém falar do tempo (AGOSTINHO, 1984, p. 120).

Para Santo Agostinho, o tempo pode ser caracterizado em seu aspecto psicológico, assim, ele não mostra preocupação quanto a investigação sobre o que é o tempo, definindo-o como uma canção da alma. Daí, “[..] o tempo nada mais é que uma extensão da própria alma (AGOSTINHO, 2002, p. 255). Ademais, suas indagações não foram em conceituar o tempo, ter uma resposta objetiva, mas sim em saber como medir e conhecer a duração do tempo.

Durante essa análise, Santo Agostinho definiu o tempo em três momentos, passado, presente e futuro, e chegou à conclusão que não havia tempo antes da criação. Muito embora, após a criação existe o tempo das respectivas fases das criaturas.

4 O TEMPO E O MOVIMENTO

Santo Agostinho também estudou o aspecto do movimento do tempo, onde fixou sua atenção em observar os próprios corpos a fim de analisar a mutabilidade das coisas, que são capazes de tomar formas e de se transformar em oque não eram. No entanto, indagava-se o que seria essa mutualidade. Para Santo Agostinho não seria possível exprimir em palavras tal explicação: “[...] Se fosse possível dizer, um certo nada que é e não é, eu o diria”, “[..] Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei” (AGOSTINHO 1984, p. 235).

Essa ideia de quase nada seria parte de tudo aquilo que é formado e não formado, num mundo totalmente mutável, onde tudo é capaz de se movimentar, logo no qual pode sentir e medir o tempo. Nesse ponto, Santo Agostinho discordava do conceito de Aristóteles do tempo, entendido na época como o curso do sol:

> Ouvi um homem instruído dizer que o tempo é nada mais do que o movimento do sol, da lua e dos astros. Não concordo. Por que não seria então o tempo o movimento de todos os corpos? Se os astros passassem, e a roda de um oleiro continuasse a rodar, deixaria acaso de existir tempo para medir suas voltas? Como poderíamos dizer que elas se davam a intervalos iguais, ou ora mais rápida, ora mais lentamente, e que umas demoravam mais e outras menos? E, dizendo isto, não estaríamos falando do tempo? Não haveria mais em nossas palavras sílabas longas e breves, por que umas ressoam por mais tempo e outras por menos tempo? (AGOSTINHO, 2007, p. 124)

Denota-se que, se a roda uma vez se move devagar e outras vezes mais rápidas é notório que existe tempo. Assim, observa-se que Santo Agostinho partia do princípio do geocentrismo para falar sobre o movimento do tempo, no qual o tempo de um dia seria o período que o sol está sobre a terra e que distingue o dia da noite e, do mesmo modo através do tempo é possível medir a rotação do sol.

> Há astros e luminares celestes que nos servem de sinais e marcam as estações, os dias e os anos. Isso é verdade; todavia, como eu jamais diria que a volta realizada por aquela roda de madeira representa o dia, nem o sábio cuja opinião transcrevo poderia afirmar que a volta da roda não representa o tempo. O meu desejo é conhecer a natureza e a essência do tempo, com que medimos os movimentos dos corpos, e nos autoriza a dizer, por exemplo, que um movimento dura duas vezes mais que outro. O que chamamos de dia não é apenas o tempo todo o percurso de oriente a oriente, e que nos faz dizer: “Passaram-se tantos dias” – entendendo por isso também as noites, que não são enumeradas separadamente. Portanto, já que o dia se completa pelo movimento do sol e o círculo que ele cumpre a partir do oriente, pergunto eu se o dia é o próprio movimento ou se é o tempo que dura esses movimentos, ou ambas as coisas (AGOSTINHO, 2007, p. 124).

Logo, o tempo não é o movimento dos corpos celestes, mas o movimento de todos os corpos e, da mesma forma que o tempo independe dos astros, sendo possível medi-lo por meio do movimento dos corpos. O tempo a que Santo Agostinho se refere é constatado pelo senso comum, pela movimentação dos corpos, uns se movem mais rápidos e outros mais devagar.

Muito embora, os corpos somente podem se mover com o tempo, mas denota-se que o os corpos não são o tempo, pois o tempo não é matéria e, pode ocorrer do ser humano não perceber o tempo que está se passando, assim, não será possível medi-lo. Logo, só é possível medir o tempo quando se sabe que ele está passando, ou seja, quando for possível ver ou sentir os movimentos. Conforme cita Santo Agostinho:

> [...] não acredito que o movimento de um corpo seja o tempo; isso nunca ouvi, e nem tu o dizes. Quando um corpo se move, sirvo-me do tempo para medir a duração de seu movimento do começo ao fim. Se não vejo o começo, e percebo seu movimento sem ver seu fim, só posso medi-lo do momento em que observo o corpo mover-se até o momento em que já não o vejo (AGOSTINHO, 2007, p. 124).

Entretanto, Santo Agostinho pairava em certo problema, pois se um corpo move em maneira desigual, ora depressa, ora devagar, medimos o movimento ou só o tempo? Se o vejo por muito tempo, apenas posso afirmar que a duração de seu movimento é longa, mas não posso dizer quanto é longa, porque só determinamos o valor de uma duração comparando-a. E, “[..] isso durou tanto quanto aquilo, ou essa duração é o dobro daquela” (AGOSTINHO, 2007, p. 124).

Mas pela visão geocêntrica o tempo não é o movimento dos corpos, mas os corpos que se movimentam com o tempo, porém os seres humanos podem sim medir o tempo, seja ele longo ou breve. Assim como cita Santo Agostinho:

> No entanto, dizemos que o tempo é longo ou breve, o que só podemos dizer do passado e do futuro. Chamamos longo, digamos, os cem anos passados, e longo também os cem anos posteriores ao presente; um passado curto para nós, seriam os dez dias anteriores a hoje, e breve futuro, os dez dias seguintes. Mas como pode ser longo ou curto o que não existe? O passado não existe mais e o futuro não existe ainda. Por isso não deveríamos dizer “o passado é longo” – mas o passado “foi longo” – e o futuro “será longo” (AGOSTINHO, 2007, p. 120).

Dessa maneira, não é possível chegar a uma conclusão exata sobre a medida do tempo, pois ele pode ser breve, lento, durar mais ou menos que outros. A partir disso, Santo Agostinho definiu que o tempo é uma extensão, assim dizendo: “Este

tempo é mais longo do que aquele, medimos o tempo, não medimos o presente porque não tem extensão, nem o passado porque não existe mais" (AGOSTINHO 1984, p. 236). Portanto, a medida do tempo acontece na mente humana, só é possível medir coisas que permanecem dentro da memória: "Só meço enquanto está presente, a impressão que as coisas gravam no momento em que passam. Isto é o tempo da alma, tempo subjetivo" (AGOSTINHO 1984, p. 236).

Nesse entendimento, Santo Agostinho refere-se ao tempo quanto a sucessão que acontece na alma, no seu interior subjetivo dos seres humanos. Esse tempo é a impressão que ocorre na consciência, do antes e depois que as coisas são gravadas na alma: "É o sentimento de presença das imagens que se sucedem, sucederam ou hão de suceder, referidas à uma interioridade" (AGOSTINHO 1984, p. 237).

5 A MEDIÇÃO DO TEMPO E A VONTADE HUMANA

Com relação a medição do tempo Santo Agostinho enfatiza:

> Disse há pouco que medimos o tempo que passa; de modo que podemos afirmar que um lapso de tempo é o dobro de outro, ou igual, e apontar entre os intervalos de tempo outras relações, mediante esse processo comparativo. Portanto, como eu dizia, medimos o tempo no momento em que passa. E se me perguntarem: Como o sabes? – eu responderia: Sei por que o medimos (AGOSTINHO, 2007, p. 123).

Dessa maneira a relação humana com o tempo é que ele pode ser sentido e medido pelos humanos, ou seja, a temporalidade só pode ser conhecida por quem mede. Mas como é possível mensurar o tempo? Isso ocorre pela atenção daquele que o mede, podendo ser compreendida como a sensação humana do tempo ou a atenção da alma.

Mas ao pensar na temporalidade, indaga-se como o tempo se passa, é possível sentir o tempo do passado, atravessando o presente e vindo do futuro? Frente a isso, Santo Agostinho destaca que é possível medir o presente, enquanto o tempo passa, mas o tempo passado e futuro não, porque eles não existem: "[...] e porque é impossível medir o que não existe; ora, o passado e o futuro não existem". (AGOSTINHO, 2007, p. 123).

É notório afirma que o homem possui uma expectativa em relação ao futuro, logo o tempo é algo que ele sente no presente, como uma expectativa de algo que

possa acontecer, então ele existe internamente. Já o passado não existe mais, porém o homem ainda pode senti-lo em suas memórias, o tornando presente. Mas, então o presente existe? Até mesmo essa indagação não pode ser confirmada, pois muito embora o tempo ocorra daquele instante, ele acaba se tornando passado, porque o tempo passa, ele não permanece. Assim, afirma Santo Agostinho: “[...] Quanto ao presente, como podemos medi-lo, se não tem duração? Portanto, só podemos medi-lo enquanto passa; e quando passou, não o medimos mais, porque não há mais nada a medir” (AGOSTINHO, 2007, p. 123).

Logo, para ele o tempo se encontra na alma: “[...] os três tempos estão de alguma maneira na alma e eu não os vejo em outro lugar” (AGOSTINHO, 2007, p. 123). Dessa maneira, o tempo pode ser considerado como algo interior do homem, e que se tornam presentes quando sentidos e percebidos pela alma. Assim, compreender essa interiorização do tempo é fundamental para compreender a relação entre o tempo e vontade.

Para Santo Agostinho, embora o tempo possa ser sentido pela memória, eles são independentes, pois tudo que é conservado na interioridade humana se encontra na alma. Logo, o tempo é algo que é sentido pelo homem, como o passado que já passou, que está fora do seu interior, mas que se encontra conservado na memória, no interior, o futuro como uma expectativa de algo que está no seu interior e o presente que pode ser definido como o olhar da alma. Esses três momentos são explicados por Santo Agostinho: “[...] o presente das coisas passadas é a memória, o presente das coisas presentes é o olhar, o presente das coisas futuras é a expectativa (AGOSTINHO, 2007, p. 123).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a experiência temporal humana depende de uma vontade interior, haja vista que, se o tempo passado não for lembrado ele não será presente, do mesmo modo que, se não houver expectativa o futuro, ele também não se fará presente, mesmo que no interior da alma. Nesse sentido, Santo Agostinho assevera que o tempo dura o quanto dura a atenção humana, a sua vontade, sendo esse momento possível de medição.

6 O TEMPO PRESENTE, PASSADO E FUTURO

Quando o homem percebe que existe tempo a partir do passado, presente e futuro, acaba se preocupando mais com o seu tempo presente, passando a vida

procurando como medi-lo. Mas é possível medir um tempo que não existe? Pode-se medir o presente? Ou seja, o tempo é breve quando dura pouco, ou é longo quando dura ou se espera por muitos anos? Assim, Santo Agostinho indaga-se:

> Mas como se pode chamar de longo ou breve àquilo que não existe? Contudo, afirmo com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse agora, não haveria tempo presente. Como então podem existir esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e se o futuro ainda não chegou? (AGOSTINHO, 2009, p. 343)

Quanto ao passado, que foi longo e da mesma maneira o futuro será longo. Porém é longo apenas o momento que existiu, uma vez que tornou passado, já não existe mais, aliás nem poderia ser longo porquê de fato não existia. Enquanto, pode-se afirmar que foi longo o tempo que é presente, ou que foi longo enquanto era presente porque ainda não passou, não deixou de existir. No entanto, uma vez passado, deixou de existir e não se pode medir aquilo que não existe mais.

> Chamamos longo, digamos, os cem anos passados, e longo também os cem anos posteriores ao presente; um passado curto para nós, seriam os dez dias anteriores a hoje, e breve futuro, os dez dias seguintes. Mas como pode ser longo ou curto o que não existe? O passado não existe mais e o futuro não existe ainda. Por isso não deveríamos dizer “o passado é longo” – mas o passado “foi longo” – e o futuro “será longo” (AGOSTINHO, 2007, p. 120).

Para Santo Agostinho no que se refere as coisas do passado, o homem as tem em sua memória, através de palavras e não dos fatos em si. Assim, é possível memorizar, lembrar da sua duração enquanto foi presente. Para ele o processo de lembranças do passado, são registros feitos na memória e que passam por todos os sentidos da vida humana.

> Quando relatamos acontecimentos verídicos do passado, o que vêm à nossa memória não são os fatos em si, que já deixaram de existir, mas as palavras que exprimem as imagens dos fatos, que, através de nossos sentidos, gravaram em nosso espírito suas pegadas. Mas é o tempo que passa que medimos quando o percebemos passar (AGOSTINHO, 2007, p. 121).

E quanto aos intervalos de tempo, ele pode ser medido? Segundo Santo Agostinho, é possível afirmar que os tempos de distinguem no aspecto de uns serem mais breves e outros mais longos, então, se é possível fazer essa comparação, é possível serem medidos nos intervalos de tempos, pois, sabe-se que eles vêm e passam. Entretanto, os tempos que passam, já não podem ser

medidos, haja vista que já não mais existem. Portanto, é possível medir o tempo presente.

> Quanto ao passado, que não existe mais, e o futuro que não existe ainda, quem poderá medi-los, a menos que ouse afirmar que o nada pode ser medido? Assim, quando o tempo passa, pode ser percebido e medido. Porém quando já decorreu, ninguém o pode mentir ou sentir, porque já não existe (AGOSTINHO, 2009, p. 344).

Seguindo esse pensamento, pode-se afirmar que se o passado não existisse, não seria possível guardar na memória fatos sobre ele, como no exemplo de pessoas que narram coisas passadas que as viram na mente e, caso não existisse as narrativas não seriam verdadeiras.

Mas, embora passado e futuro existam e onde quer que estejam não serão mais passados e futuros, porque em suma não existem mais, ou seja, o passado já passou e o futuro ainda está por vir. No entanto, o passado mesmo que já tenha ido, ele ainda existe na memória, nas lembranças que são formuladas pelas pessoas sobre algo que aconteceu e, o futuro é o que a pessoa deseja que aconteça, logo o passado e o futuro acabam se tornado tempos presentes.

Ademais, não se pode afirmar que nem mesmo o dia, mês ou ano são totalmente presentes, pois estão em constante movimento, em passagens pelas horas, minutos e segundos, sendo que através desses movimentos, vão deixando de ser presentes, passando a ser passado. Assim, como cita Santo Agostinho:

> Vejamos agora se, pelo menos, o ano em curso é presente. Se estamos no primeiro mês, os outros são futuros. Como acima, se estamos no segundo, o primeiro será passado, e os demais, futuros. Assim o ano que corre não está todo presente (AGOSTINHO, 2007, p. 120).

O passado pode ser representado por palavras, imagens ou ideias de coisas já criadas, mas no que se refere ao futuro, não é possível predizer porque as ideias e imagens que são permitidas para que aconteçam, não são mais futuros, mas si presentes, pois não é possível ver na memória acontecimentos e movimentos inexistentes. Logo, pode-se concluir que é futuro porque ainda não aconteceu, mas presente porque se faz presente na mente humana. Santo Agostinho cita um exemplo disso:

> Vejo a aurora e posso predizer que o sol está para surgir. O que vejo é a claridade, o fenômeno que é presente, e o que “prevejo” é o futuro. Não é

> futuro o sol, porque ele existe, mas é futuro o seu surgimento que ainda não nasceu (AGOSTINHO, 2009, p. 347).

Nesse sentido, só é possível prever aquilo que existe, o futuro é criado sobre algo de conhecimento do homem, ou seja, já possui a imagem em sua mente. Em razão disso, Santo Agostinho concluiu que os três tempos (passado, futuro e presente) não existem. Visto que, o presente dos fatos passados é a memória, o presente dos fatos presente é a visão, e o presente dos fatos futuros é a espera. Desta maneira, os três tempos estão na memória da pessoa, mas sendo possível medi-los enquanto eles passam, exceto o tempo passado e futuro porque são inexistentes: “[...] Disse há pouco que medimos o tempo que passa” (AGOSTINHO, 2007, 123). Assim, o tempo se dá no espaço, portanto, o homem consegue medi-lo.

Quanto a duração do tempo, Santo Agostinho afirma que são curtos, longos, simples, duplos ou triplos, assim sendo, o tempo é o movimento, uma dimensão de algo em qualquer direção. Logo, para a concepção agostiniana, o tempo não é movimentos dos corpos, mas são os corpos que movem o tempo de um ponto ao outro. Assim, ele cita:

> Mas de onde se origina, por onde passa, para onde vai o tempo quando o medimos? De onde vem senão do futuro? Por onde passa, senão pelo presente? Para onde vai senão para o passado? Nasce, pois, do que ainda não existe, atravessa o que não tem duração, e corre para o que não existe mais (AGOSTINHO, 2007, p. 120).

Portanto, o tempo passado não existe mais e o tempo futuro ainda não aconteceu, mas se o presente fosse mesmo tão presente, não estaria pairado no passado e no futuro? Logo, o ser do presente é um constante deixar de ser, pelos seus movimentos que o levam para os pensamentos do passado e futuro.

Dessa maneira, o tempo só existe na alma humana, no espírito, ele é psicológico, está na memória e, sempre se mantêm nos três tempos (passado, presente e futuro), não podendo ser vistos em nenhum lugar, somente no interior da alma, na memória e na intuição. Nesse entendimento, o tempo futuro é uma espera totalmente psicológica, pois não é material, cósmico ou astrônomo (AGOSTINHO, 2002).

Enfim, o tempo está na memória, nas recordações e na atenção humana, no entanto, a memória passa a ser algo com expectativas passada, presente e futuro,

podendo ainda ser longa ou breve. Desse modo, conforme as concepções de Santo Agostinho o sentido de tempo é totalmente espiritual e implica-se nos três tempos, podendo ser medido pelo homem enquanto ele passa, sendo gravado na alma e na memória, mesmo depois que passou (AGOSTINHO, 2009).

Cabe frisar que o tempo futuro não é longo, o que é longo é a espera, a expectativa que algo aconteça, do mesmo modo que o passado não é longo, mas sim a recordação dele. Nesses momentos somente a atenção humana é presente, logo, pode-se afirmar que o tempo é um fato da alma, que quando passado se torna presente através da memória, se faz presente pela atenção e mediante a espera, quando futuro.

Por fim, conclui-se que para Santo Agostinho, o tempo foi criado por Deus, dando a ele movimentos. Como toda criação de Deus é um ato de verdade, Santo Agostinho interpretou a temporalidade partindo do pressuposto da eternidade (AGOSTINHO, 1995).

7 A PRESENÇA DA ETERNIDADE NO TEMPO

Santo Agostinho elucida que a presença da eternidade no tempo pode ser vivenciada pelos seres humanas como um desejo de Deus. A Eternidade é referida como o princípio de Deus, que é a luz que ilumina os seres humanos, no seu interior: “[...] Os que assim falam não te compreendem ainda, ó Sabedoria de Deus, luz das inteligências (AGOSTINHO, 2007, p. 119).

Diante desse conceito, Santo Agostinho defende que, se o princípio de Deus fez todas as criaturas, então de certo modo ele as antecede. Assim, partindo da concepção que o princípio pode ser definido como eterno, seria possível afirmar que ele existe antes da criação do tempo?

> Esforçam-se por saborear as coisas eternas, mas seu espírito voa ainda sobre as realidades passadas e futuras. Quem poderá deter esse pensamento, quem o fixará por um momento, para que tenha um rápido vislumbre do esplendor da eternidade imutável, e a compare com os tempos impermanentes, para perceber que qualquer comparação é impossível? Então veria que a sucessão dos tempos não é feita senão de uma sequência infindável de instantes, que não podem ser simultâneos; que, pelo contrário, na eternidade, nada é sucessivo, tudo é presente, enquanto o tempo não pode ser de todo presente (AGOSTINHO, 2007, p. 119).

Assim, para Santo Agostinho, a resposta é sim e não, haja vista que, não se esse princípio existe cronologicamente antes das criaturas terem sidas criadas através do tempo. Nesse ponto, Santo Agostinho pressupõe que existe eternidade no curso de tempo, como algo anterior a ele, contudo se a Eternidade for temporalizada ela deixará de ser eterna, o que acaba anulando a ideia de princípio anterior ao tempo ou presente nele. Mas, se responder a indagação como sim, ela pode ser entendida no sentido causal, no qual a eternidade cria todas as coisas com o tempo, ou seja, a existência das criaturas depende da Eternidade, mas não como procedência cronológica.

Nesse sentido, pode ser atribuído ao Princípio a iluminação que os seres humanos recebem interiormente pela Eternidade, ou seja, trata-se da iluminação que existe na alma do ser humano e que o habilita para pensar sobre o tempo. A partir disso, Santo Agostinho enfatiza que o pensar no tempo se inicia com o próprio contato humano com a Eternidade, pois através da iluminação que advém do princípio, os humanos que são temporais, recebem acesso a Eternidade. Assim, a meditação sobre o tempo requer uma iluminação eterna, que se encontra presente na intimidade humana (AGOSTINHO, 2009).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos pensamentos de Santo Agostinho foi possível conclui que, que o tempo propriamente dito, existe na consciência das pessoas, mas quando se tem a consciência sobre ele e compreendem que as coisas passam e, que estão sujeitos à existência dos três momentos, passado, presente e futuro.

Nesse entendimento, o tempo pode ser sentido, ele está no psicológico, uma vez que o tempo passado é tudo aquilo que está presente na memória e que faz presente quando a pessoa está dando atenção aquele fato ou coisa, do mesmo modo que o tempo futuro é tudo aquilo que envolve uma expectativa para que aconteça, também de tornando presente no momento em que está se pensando ou sentindo. Ademais, o tempo presente é o agora, mas mesmo ele não pode ser tão presente devido aos movimentos, pois, as horas, minutos e segundos passam, tornando aquilo presente em passado.

Seguindo esse entendimento, foi possível compreender que, o tempo é mutável, é uma realidade que foi criada desde o princípio, ele existe porque as coisas mudam, no entanto ele não existia antes da criação porque só existia Deus, como princípio criador, imutável e eterno. Assim, o mundo foi criado com o tempo e não no tempo. Ademais, Deus não se encontra no passado e no futuro, Ele é eterno, se faz presente e fora do tempo.

Desta forma, respondendo as indagações iniciais se o tempo realmente existe, quando e como ele se passa e se o homem consegue medi-lo? É possível afirmar que sim, o tempo existe no interior da pessoa, em sua alma, podendo ser sentido e medido no momento em que ele passa, podendo ser breve ou longo, porém depois que passa ele já não pode ser medido, haja vista que não se pode medir algo que não existe.

Desta forma, a memória armazena as imagens do passado e as torna presente em momentos oportunos, assim, revivendo o passado que não existe mais e, se chama passado porque foi resultado de experiencias já vividas. Logo, é o próprio ser humano que faz seu tempo, que o preserva em seu interior, ou seja, é o protagonista do tempo, a partir da história que vive seja no passado, presente ou futuro.

Portanto, os pensamentos de Santo Agostinho que atravessaram décadas são pautados de muita sabedoria e, servem para muitas interpretações com relação ao tempo. O tempo é precioso e ele passa, não é eterno, então é preciso que as pessoas repensem em como estão vivendo hoje o tempo mutável e o tempo de Deus, pois conforme ensina Santo Agostinho Deus dá o tempo necessário para todas as coisas, porém os serem humanos precisam sentir esse tempo no momento em que ele passa, para que tão logo ele não se torne inexistente.

9 REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **Confissões**. 6. ed. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO. S. **Confissões**. Digitação: Lucia Maria Csernik, 2007. Disponível em: https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf. Acesso em: 01 dez. 2023.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO, S. **Confissões, livro XI**. Tradução, introdução e notas de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub e Moacyr Novaes. In: MARÇAL, J. (org.). Antologia de textos filosóficos. Curitiba: SEED – Paraná, 2009.